

HÁ UMA LÓGICA NA PSICANÁLISE?

André Luís de Oliveira Garcia¹

Emerson Ramos de Lima Silva²

O presente trabalho tem como objetivo tentar responder a questão se há uma lógica na psicanálise. Desde sua criação por Sigmund Freud e as contribuições de Jacques Lacan, a psicanálise possui uma lógica própria, mesmo se apresentando como uma não ciência. Este trabalho fará uma diferenciação entre psicologia e psicanálise e, para isso, partirá do momento em que Freud nomeia o inconsciente e caminhará até a compreensão lógica que Lacan tomou para criar um dispositivo não científico para a transmissão da Psicanálise como pensamento estrutural de seu ensino.

Psicologia: uma ciência.

A psicologia é uma ciência nova e que ainda está sendo construída. Dentro dela, temos diversas escolas e linhas de pensamento de estudo e especialização, sendo, portanto, várias psicologias em uma única ciência psicológica. Em seu artigo *O que é a Psicologia?*, Georges Canguilhem (1973) apresenta que “A unidade da Psicologia é procurada aqui em sua possível definição enquanto teoria geral da conduta: síntese da psicologia experimental, da psicologia clínica, da psicanálise, da psicologia social e da etnologia.” (CANGUILHEM, 1973, 105).

Essa ciência se formou da junção da filosofia clássica, em Aristóteles com seu tratado sobre a alma, com a fisiologia médica que buscava compreender o funcionamento do corpo humano em Galeno. Fazendo uma retomada de toda história da psicologia, Canguilhem (1973) chega ao pensamento moderno de uma ciência inacabada:

O declínio da física aristotélica, no século XVII, assinala o fim da psicologia como parafísica, como ciência de um objeto natural, e

¹ Psicanalista, Psicólogo graduado pela Universidade Federal do Espírito Santo /ES, com aperfeiçoamento em Filosofia e Psicanálise pelo NEAAD UFES, graduando em Filosofia PUC- Campinas.

² Graduando em Filosofia PUC – Campinas.

correlativamente o nascimento da psicologia como ciência da subjetividade. Os físicos mecanicistas do século XVII são os verdadeiros responsáveis pelo aparecimento da psicologia moderna como ciência do sujeito pensante (CANGUILHEM, 1973, 108)

Daí em diante, com o avanço do pensamento moderno, a psicologia tomou vários rumos e se tornou, ainda como ciência inacabada, um grande campo de pesquisa em todas as áreas do conhecimento. Temos hoje, por exemplo, a Psicologia do Trânsito uma área de pesquisa responsável somente pelos estudos do trânsito de carros e pedestres, suas implicações na sociedade atual, as patologias que surgem com o estresse no trânsito nos grandes centros urbanos.

A psicanálise, mesmo sendo objeto de estudo da psicologia, possui uma estrutura de pensamento próprio que a difere. Podemos dizer, a grosso modo, que a psicanálise está contida na psicologia, mas a psicologia não está contida na psicanálise uma vez que ela possui um discurso próprio.

Psicanálise é uma ciência?

A Psicanálise, porém, desde sua criação, com a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud, sempre teve suas associações e ciclos de estudos independentes e, portanto, ela nunca se intitulou como uma ciência, pois desde o começo o autor dizia que não se tratava de uma ciência.

O progresso do trabalho científico se dá de modo muito semelhante ao da análise. Iniciamos o trabalho com certas expectativas, mas devemos afastá-las. Com a observação, aprendemos ora aqui ora ali algo novo, mas as partes não formam de início um conjunto coerente. Criamos então suposições, construímos hipóteses auxiliares, que abandonamos quando não se confirmam. É necessário ter paciência e disposição para avaliar todas as possibilidades, renunciando às nossas primeiras convicções; pois, dominados por elas, deixaríamos de perceber fatores novos e inesperados. E no final, todo o nosso esforço se vê recompensado: as descobertas isoladas se organizam num conjunto bem ajustado, e tem-se a visão de uma parte do acontecer psíquico; a tarefa está concluída, e estamos prontos para a seguinte. (FREUD, 1932, SA I, p. 601; BN III, p. 3201)

Embora a psicanálise tenha tido várias posições e oposições de médicos e não médicos, sua trajetória foi própria, isto é, independente dos discursos já existentes. Conforme Freud apresenta,

A contribuição da Psicanálise à ciência consiste precisamente em ter estendido a investigação ao território do psíquico. [...] Mas essa incorporação do estudo das funções intelectuais e emocionais dos

homens (e dos animais) à ciência não modifica de modo algum a posição geral desta última, porque não surgem novas fontes de conhecimento nem novos métodos de investigação. A intuição e a adivinhação, se existissem, poderiam constituir tais métodos, mas podemos tranqüilamente contá-las entre as ilusões, [pois são] realizações de impulsos de desejo [Wunscherregungen]. [...] A ciência leva em conta que a vida psíquica humana cria tais exigências e está disposta a buscar suas fontes, mas não tem o menor motivo para reconhecê-las como justificadas. [...] A ciência está disposta a pesquisar quais satisfações esses desejos conquistaram nas realizações artísticas e nos sistemas religiosos e filosóficos; mas não se pode deixar de ver quão injustificado, e em alto grau inconveniente, seria admitir a transferência dessas aspirações ao território do conhecimento. (FREUD, 1932, SA I, p. 587; BN III, p. 3201).

Já Jacques Lacan, ao retomar o estudo de Freud, vai estruturar o inconsciente como uma linguagem. Lacan (2012) “O inconsciente é o testemunho de um saber, no que em grande parte ele escapa ao ser falante”. A partir de então, é possível transmitir a psicanálise por uma letra, um signo, um discurso, uma fórmula matemática que o psicanalista nomeou de matema, afirmando, com isso, Lacan (2008) “É aí, é o no Outro que está o inconsciente estruturado como uma linguagem”. Lacan (2012) “Trata-se para nós, vocês compreenderam, de obter o modelo da formalização matemática. A formalização não é outra coisa senão a substituição, a um número qualquer de uns, disso que se chama uma letra”. Ele formula, assim, um método próprio para a transmissão da psicanálise e a leitura do inconsciente. Lacan (2012) “Esse enigma nos é presentificado pelo inconsciente tal como se revelou pelo discurso analítico. Ele se enuncia assim – para o ser falante, o saber é o que se articula”.

A compreensão de um enunciado coloca o sujeito dentro de uma estrutura. No *Seminário, livro 20: mais ainda*, Lacan (2012) apresenta sua descoberta através do matema da fórmula quântica da sexuação, “ao ler a primeira transcrição deste Seminário, achei que não era tão ruim, e especialmente por ter partido desta fórmula, que me parecia tão magra, de que o gozo do Outro não é o signo do amor”. Tal fórmula se baseia na ideia de que, no nível da fala, há uma relação significativa entre o sujeito barrado pela linguagem e o Outro com (O) maiúsculo, que é o Nome do Pai, ou seja, aquele que marca, barra e castra o sujeito. O Nome do Pai nada mais é do que a lei. É

lido como Nome do Pai, pois é uma referência ao pai que castra o filho, que coloca limites. Toda lei é uma escrita, uma linguagem, portanto, compreendida pelo sujeito que a coloca em cumprimento. Há, claro, uma aplicação disso no social e do não cumprimento da lei como uma contravenção.

No nível da linguagem, há uma relação significativa entre o sujeito e o Outro. Em outras palavras, é isso o que permite a Lacan por letrinhas nesses lugares, falar da relação entre o código e a mensagem ou do tesouro metonímico com o sujeito do chiste, ou ainda, é isto o que permite formalizá-lo, desenhá-lo e dar-lhe nomes diversos. (MILLER, 1999, p. 177).

Todo sujeito, inserido na linguagem e marcado pelo Nome do Pai, é colocado na clínica das neuroses. Já aqueles que não conseguem passar pela marcação da linguagem no Nome do Pai, ou seja, os que não são castrados estão para a clínica da psicose. É esperado que, quando se diz a um sujeito “chame o elevador”, que ele não se aproxime do mesmo e grite: “elevador... elevador”, mas que ele compreenda, já que está inserido na linguagem, que é somente necessário apertar um botão ao lado do elevador para que o mesmo chegue ou que, quando se diz a um sujeito: “vamos ao convento”, e o mesmo consideraria buscar uma blusa de frio, pois sentirá frio no ‘con-vento’, e não ir ao local onde possa haver freiras ou monges. É possível a uma criança que ainda não se inseriu totalmente na linguagem, levar tais falas ao pé da letra, entretanto, não àquele sujeito já inserido.

Miller (1999) pontua que,

Foi por considerar todas as fórmulas da relação linguística que Lacan pôde introduzir onde o sujeito e o Outro fazem par, tal como o código e a mensagem. O código e a mensagem são inseparáveis, eles precisam um do outro. Um código sozinho, sem mensagem, nada tem a fazer, e vice-versa. Na melhor das hipóteses, tudo a que isso pode levar é a uma psicose. (MILLER, 1999, p. 177).

Contrapondo o modelo experimental de Freud, Lacan nos apresenta a psicanálise como um novo saber, com um novo método para transmitir o dispositivo inventado por Freud. Há, portanto, uma lógica no ensino de Lacan. O psicanalista até pensou em fundamentar a psicanálise a partir do discurso da ciência, mas pensar o inconsciente descoberto por Freud de maneira ontológica era praticamente impossível e dependeria de relacionar a lógica Aristotélica à linguagem. Segundo Chauí (2002), para Aristóteles,

lógica não se refere a nenhum conteúdo, mas a forma ou as formas do pensamento ou as estruturas dos raciocínios em vista de uma prova ou de uma demonstração. (...) Os Analíticos [de Aristóteles] buscam os elementos que constituem a estrutura do pensamento e da linguagem, seus modos de operação e relacionamento. (...) A lógica é uma disciplina que fornece as leis ou regras ou normas ideais do pensamento e o modo de aplicá-las na pesquisa e na demonstração da verdade. Nessa medida, é uma disciplina normativa, pois dá as normas para bem conduzir o pensamento na busca da verdade. CHAUÍ, 2002, p. 357)

Em seu ensino, Lacan faz referência à lógica de Frege e Russell lógicos comprometidos com a lógica de Aristóteles. Lacan (2012) “É aqui que devemos retomar a Aristóteles, por uma escolha para a qual não se sabe o que guiou, Aristóteles tomou o partido de não dar outra definição do indivíduo senão o corpo”. No entanto, foi necessário desenvolver uma lógica própria, mas não afastada daquela primeira da *Retórica* de Aristóteles, para organizar um dispositivo de transmissão de uma teoria lacaniana com base no inconsciente de Freud. Sabendo que a lógica não se refere a nenhum conteúdo, mas orienta e formula condições do pensamento como estrutura, Lacan busca e desenvolve, para a transmissão de seu ensino, o seu referencial teórico.

Portanto podemos concluir que mesmo não se considerando como inserida no discurso das ciências moderna, a psicanálise possui um dispositivo lógico próprio, com base filosófica, que permite a aqueles que dela utilizam um método seguro e imparcial de transmissão de seu ensino, que é possível a partir do trabalho estruturado por Lacan, e que permite que o estudo do inconsciente seja ainda nos dias atuais uma rica fonte de pesquisas, não somente no campo da psicanálise, como na psicologia, filosofia e ciências médicas.

REFERÊNCIAS

CANGUILHEM, Georges. Conferencia dada no Collège Philosophique em 19 de dezembro de 1956 e publicada na Revue de Métaphysique et de Morale, nº 1, 1958; no Cahiers pour l'Analyse, nº 2, março 1966; e na coletânea Etudes d'histoire et de philosophie des sciences. Paris: Vrin, 1979. Tradução de Maria da Gloria Ribeiro da Silva editada na revista Tempo Brasileiro, n.30-31 (org. Carlos Henrique Escobar), 1973, pp. 104-123. Notas críticas de Monah Winograd.

CHAUI, Marilena. **Introdução à história da filosofia 1**. São Paulo: Companhia das Letras.

FREUD, Sigmund. **“Über eine Weltanschauung”**. 35ª Conferência. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. Studienausgabe (SA), v. I. Frankfurt, Fischer Verlag, 1969. Tradução espanhola de Luis López-Ballesteros e de Torres. Madri, Biblioteca Nueva (BN), tomo III, 1973.

_____ **Conferência XXXV**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XXII

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 17: O avesso da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____ **O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____ **O Seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____ **O Seminário, Livro 19: ou pior**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.

MILLER, Jacques-Alain. Décima oitava lição do seminário **"Le partenaire-symptôme"**, proferida em 27 de maio de 1999. Na transcrição integral, consta uma parte inicial não traduzida em que Jacques-Alain Miller apresenta O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-8), de Lacan, recém-chegado da editora, e narra a escolha da imagem da capa, assim como a estória a respeito de um exame de baccalauréat que Raymond Queneau contara a Lacan e cuja descrição foi incluída na contracapa deste Seminário. Tradução de Vera Avellar Ribeiro não revista pelo autor.